



CIRCUITOS TEMÁTICOS

# A Pintura Antiga na Vila de Óbidos

## “A Pintura Antiga na Vila de Óbidos”

A “fortaleza natural da arte”, como alguns autores de séculos anteriores designaram Óbidos, deve muito desse epíteto à riquíssima colecção de pintura que se concentra no interior das muralhas, mas também em algumas freguesias circundantes. Pequenas capelas, igrejas e museus são estruturas que albergam obras que marcam a história da pintura dos séculos XVI e XVII, que convenientemente apelidámos de antigo. As transformações operadas na vila são, ao mesmo tempo, causa e consequência da mudança de mentalidades que a vila sentiu. Começando pelas obras públicas significativas do século XVI que alteraram consideravelmente a vila medieval e que a abriram aos valores do Manuelino e do Renascimento, num espaço condicionado pelas muralhas. Espaços públicos, religiosos e administrativos sofrem profundas reformulações estruturais criando a necessidade do seu património integrado acompanhar essa renovação. Pintura e azulejaria assumem triunfalmente o seu espaço, assentes também num ambiente que atinge o seu auge no século XVII e que alguns autores consideram de autêntica “Corte de Aldeia”. É esta a ocasião em que, pela vila, circularam André Reinoso, Marcos da Cruz, Baltazar Gomes Figueira e Josefa de Ayala e Cabrera. Nestes textos ficam excertos do conhecimento produzido

por vários autores com a devida correspondência em obras publicadas e fáceis de encontrar. Para além disso trata-se de uma continuidade do trabalho desenvolvido pela Associação de Defesa do Património do Concelho de Óbidos que publicou dois cadernos sobre esta temática. De acordo com este contexto optámos por estruturar este pequeno guia dando destaque aos artistas e suas obras e menos à informação de estilos ou períodos de História da Arte. Abrimos ainda a possibilidade de investigações transversais permitindo

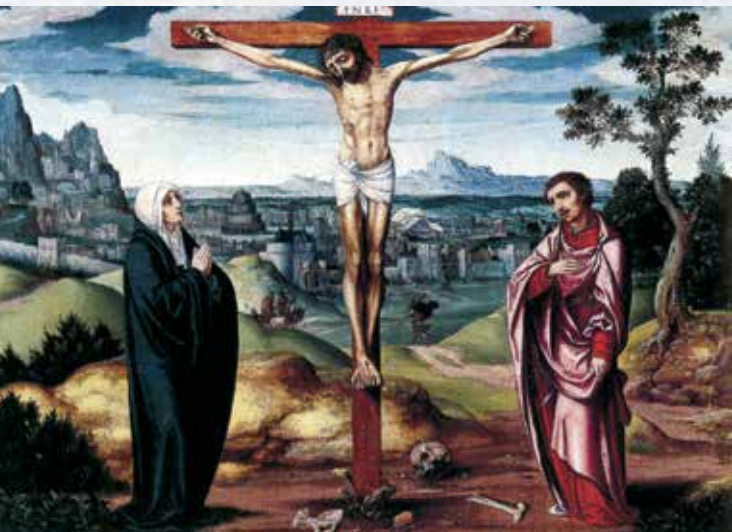
aceder à iconografia representada e aos locais de exibição das obras.

*Pintura de rigidez e formalismo acentuado, indiciando a época recuada de execução e pouca expressão erudita. A sua localização actual, no arcaz da sacristia, remonta ao século XVIII. A partir dessa data passou a ter agrupada duas ilhargas representando São Francisco e Santo António, da autoria de Diogo Teixeira, que pertenciam ao retábulo da capela lateral de São Brás, na igreja de Santa Maria.* ■



Calvário, c. 1490-1510. Igreja de Santa Maria de Óbidos, sacristia

Calvário, c. 1525-30. Museu Municipal de Óbidos



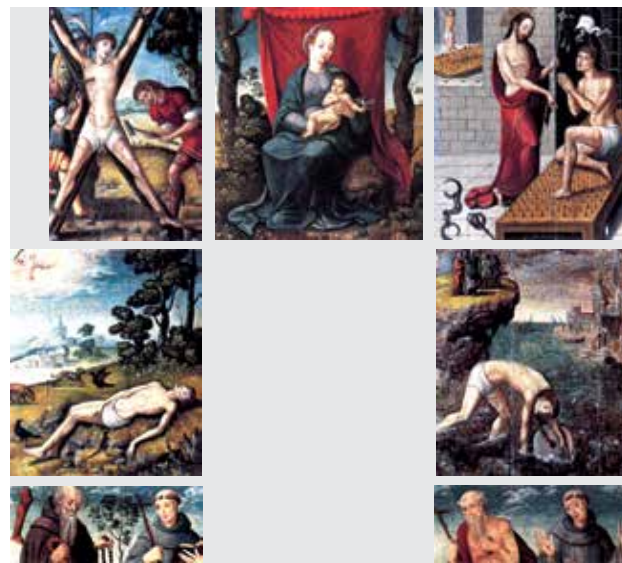
Extraordinária pintura, sobre lenho de carvalho, executada em Antuérpia, de inegável valor artístico. Um dos tesouros da pintura em Óbidos. Pela sua importância deverá ter sido um dos mais vultuosos investimentos, tanto mais que, para a mesma época não conhecemos painéis da mesma qualidade na região. É uma obra que demonstra um alto domínio da produção técnica e plástica, utilizando cores luminosas e vibrantes na composição central e recurso ao sfumato na paisagem, numa clara alusão a uma técnica muito ao gosto do renascimento italiano. Investigações arquivísticas revelam que esta obra seria proveniente da igreja de Santa Maria, aquando da aquisição de um retábulo flamengo para esse edifício. ■

São Tiago, Oficina de Luís de Morales (?), 1556. Museu Municipal de Óbidos



Dos retábulos dos templos de Óbidos, de finais do século XV a meados do século XVI, quase nada se conhece, tendo apenas sobrevivido uma grande tábuia representando São Tiago Maior, proveniente da igreja desse mesmo santo. Esta tábuia deve ter preenchido o lado direito do tríptico ■

retabular e representa o santo instalado numa edícula profusamente decorada ao gosto renascentista. Trata-se de uma obra de transição para o Maneirismo, no que respeita à postura desenvolta e no cuidado posto no estudo anatómico do taumaturgo. ■



Martírio de São Vicente, Retábulo da Capela de São Vicente, c. 1540-50. Museu Municipal de Óbidos

### GARCIA FERNANDES

De autoria de Garcia Fernandes e eventualmente com a mão do seu discípulo Manuel André (segundo Vítor Serrão), as tábuas datáveis da década de 40 do século XVI, representam a Virgem com o Menino (peça central) e o ciclo do martírio de São Vicente e duas predelas com Santo Amaro, Santo António, São Jerónimo e São Francisco. Ainda envoltos num certo arcaísmo estético, os painéis mantêm uma matriz fortemente relacionada com a estética goticizante do Norte da Europa, aliás bem característica da obra de Garcia Fernandes. O painel da Virgem com o Menino é, contudo, muito mais marcado por valores renascentistas e, em termos de História das Mentalidades, corresponde a uma crescente devoção à Virgem. Deste modo em vez de presenciarmos uma representação do Calvário ou de outro passo da vida

do “Salvador”, assistimos à apresentação da sua mãe como símbolo de esperança e de capacidade de intercessão, tanto mais tratando-se do retábulo existente num templo de assistência à gafaria.

### DIOGO TEIXEIRA

No contexto das grandes obras realizadas na igreja de Santa Maria, entre os séculos XVI e XVII, destaca-se a encomenda do retábulo da capela colateral de São Brás (c. 1590) a este pintor.



Ecce Homo, Diogo Teixeira, 1592. Museu Municipal de Óbidos

### GARCIA FERNANDES

A trajetória deste pintor responsável por algumas das obras mais importantes do seu tempo ilustra uma continuidade da arte dos mestres do manuelino e, ao mesmo tempo, a abertura às influências italianas. Pintou algumas obras encomendadas por D. Manuel, que valerem ao monarca os veementes protestos do pintor por incumprimento da compensação estipulada. Talvez por isso, enquanto pintores do seu círculo, como Cristóvão Figueiredo ou Gregório Lopes, granjeavam estatuto junto da coroa e títulos nobiliárquicos, a Garcia Fernandes, em 1527, é concedida a licença para andar “em mulla e faca selada e emfreada” (Carmo, 1995, p.298). De qualquer forma a geografia das suas obras é variada, marcando presença em Vila Viçosa, Coimbra, Leiria, Évora, Lisboa, Goa, entre outros. A fase final da sua obra revela um pintor naturalmente mais maduro e muito próximo dos valores italianos. Mudanças que se afirmam em cenas mais expressivas que narrativas, idealismo de rostos e no sentido da cor. ■



Tríptico de São Brás, c. 1590. Museu Municipal de Óbidos

Nos primeiros anos do domínio filipino, talvez devido a questões políticas ou meramente pelas dinâmicas empregadoras da região, crê-se que este artista tenha vindo para Óbidos onde pintou o retábulo de São Brás, um Ecce Homo ou Senhor da Cana Verde (1592) e a bandeira da Santa Casa da Misericórdia (1592), esta parecendo representar as feições de D. António Prior do Crato.

O estilo da pintura de Diogo Teixeira foge determinantemente aos cânones norte europeus, reportando para uma formação maneirista italianizante, aliás em acordo com a sua aprendizagem. A iconografia representa três passos do martírio de São Brás: sendo torturado preso a um cepo, mas assumindo uma postura serena em sinal de oferta das suas dores a Deus; andando sobre o lago, olhos postos num anjo, mensageiro do Senhor, com a sua mão direita sobre o peito em sinal de Fé, deixando com que todos os restantes inféis se

afogassem; e, por último, sendo degolado, obtendo, desta forma, a glória do martírio e a participação no Paraíso.

#### JOÃO DA COSTA

O retábulo em termos iconográficos é composto pelas seguintes representações: Anunciação, Adoração dos Pastores, Adoração dos Magos, Circuncisão, Apóstolos em torno do túmulo vazio da Virgem; Assunção da Virgem ao Céu e dois medalhões com coro de anjos músicos (do lado direito tocando alaúde, harpa e trompeta; do lado esquerdo, tocando órgão e violoncelo). Corresponde claramente a um gosto "provinciano" e anacrónico na perpetuação dos antigos maneiristas. Neste caso parece que há uma clara vinculação ao "teixeirianismo", já que se opta por esquemas artísticos que lhe são próprios, embora distanciados cerca de 30 anos do fulgor maneirista de Teixeira.

#### DIOGO TEIXEIRA (c. 1540-1612)

Nasceu no seio de uma família nobre e é um caso raro da História da Pintura em Portugal, já que a actividade que exercia, à época entendida como um ofício mecânico, não era própria do seu estatuto social. Trabalhou essencialmente na área de Lisboa e teve a particularidade de desenvolver um contencioso jurídico com a Câmara dessa cidade, assumindo uma posição contrária ao pagamento de impostos pelo exercício da pintura e por outras obrigações mestreiras. Para Diogo Teixeira a pintura não era um mero ofício, mas sim uma fórmula criativa, sendo a primeira vez que o problema da dignificação do estatuto do artista se coloca com tanta premência. Acaba por vencer na contenda com Lisboa sendo o primeiro pintor português a abrir o precedente e a estabelecer um dilema que só veio a ser resolvido duzentos anos depois com a clara afirmação do estatuto das artes e dos artistas. Cavaleiro Fidalgo da Casa de D. António apoiou as pretensões e o curto reinado deste rei em detrimento de Filipe II de Espanha, pelo que veio a sofrer algumas represálias após a união das Coroas Ibéricas.



Retábulo da Igreja de Santa Maria, 1621-22

#### JOÃO DA COSTA

Executou o retábulo da Igreja de Santa Maria entre 1620 e 1622. A obra é caracterizada por uma interpretação desgastada dos modelos italo-flamengos, não correspondendo nem à vanguarda da época, nem tão pouco à melhor forma técnica. Recorde-se os exemplos de outros nomes associados a Óbidos, como André Reinoso, Baltazar Gomes Figueira ou Josefa d'Óbidos, manifestando tendências artísticas marcadamente barrocas, quer na linha italiana (romana) quer por influência dos ciclos de produção peninsular (sevilhana e madrilena).

### BELCHIOR DE MATOS

O seu nome está ligado a um dos mais interessantes episódios da história da pintura em Óbidos. Em 1615, este discípulo de Diogo Teixeira, recebe uma encomenda da Santa Casa da Misericórdia de Óbidos relativa à execução de um retábulo.

Contudo, atendendo a que o retábulo encomendado não era de qualidade merecida a este templo e talvez porque a decisão da sua encomenda não tivesse sido pacífica, esta obra era ainda alvo de discussão doze anos depois. A 25 de Abril de 1627 a Mesa Administrativa da Santa Casa toma a decisão de não concluir a obra do retábulo de Belchior de Matos, devendo os painéis ser removidos para adorno de vários espaços (sacristia e casa do despacho). Em contrapartida, contratou-se a André Reinoso uma nova máquina retabular, desta vez maior, mais sumptuosa e totalmente "vanguardista".

As tábuas do retábulo primitivo representavam diversos passos da vida do mártir São Sebastião e revestem-se de um carácter muito adequado ao discurso da contra-reforma católica, profundamente relacionado com os cânones de produção maneirista. Contudo, tal como na restante obra de Belchior de Matos, a capacidade criativa e de concretização técnica não é muito elaborada, mantendo-se ligada a um conservadorismo excessivo e anacrónico. Não deixa de ser uma obra com características identitárias muito definidas e até, à época,

com uma enorme aceitação. Veja-se a dispersão regional das suas obras que, grosso modo, se estendem desde Alcobaça a Mafra, com maior incidência nas Caldas da Rainha e Óbidos.

Do retábulo maneirista da Misericórdia restam apenas duas peças, Santa Irene Sarando as Feridas de São Sebastião e São Sebastião Perante o Imperador. Em Óbidos podemos observar

outras obras deste artista como retábulo da ermida de Santo Antão, o retábulo da capela de N. S. de Monserrate (*ambas in situ*) e uma outra tábuas que compunha o retábulo do Santo Crucifixo, também este outrora na igreja da Misericórdia.

Esta peça, hoje no Museu Municipal, representa Santa Helena e a Invenção da Santa Cruz, também conhecida por Descoberta das Três Cruzes

por Santa Helena. É uma das obras mais expressivas e características de toda a produção artística de Belchior de Matos, uma extraordinária referência ao ambiente religioso contra-reformista vivido na época. Como uma das últimas obras da carreira do artista revela uma série de valores estéticos, cromáticos e técnicos típicos, sendo em si uma obra de síntese e de maturidade.



Santa Helena e a Invenção da Santa Cruz, c. 1615. Museu Municipal de Óbidos



Santa Irene sarando as Feridas de São Sebastião e São Sebastião perante o Imperador, c. 1615. Museu Municipal de Óbidos

### BELCHIOR DE MATOS (c. 1570-5 - 1628)

Radicou-se nas Caldas da Rainha a partir de 1595, trabalhou para o Hospital Real e para a igreja desta instituição, dedicada a Nossa Senhora do Pópulo, onde executou uma série de trabalhos e de "restauros", trabalhando em simultâneo nas obras encomendadas a Diogo Teixeira para a Capela do Espírito Santo desta cidade. Sendo um artista com fixação regional, ele acabou por assegurar muitas encomendas para diversas instituições locais, em A-dos-Negros, Atougia da Baleia, Carvalho Benfeito e Geraldês. Em Óbidos deixou grande parte da sua produção, pintando o retábulo da Capela de N. S. de Monserrate (Ordem Terceira de São Francisco) c. 1599-1600; retábulo da ermida de Santo Antão; e os retábulos da capela-mor (1615) e do Santo Crucifixo (1626) da igreja da Santa Casa da Misericórdia.



São Francisco e o Milagre da Purciúncula, André Reinoso, Museu Municipal de Óbidos



Deposição/Lamentação sobre Cristo Morto, André Reinoso, Museu Municipal de Óbidos



Baptismo no Rio Jordão, André Reinoso, 1640, Igreja de Santa Maria



Transfiguração de Cristo, André Reinoso, 1640, Igreja de Santa Maria

### ANDRÉ REINOSO

Como se encontra referido no texto anterior, o retábulo da igreja da Misericórdia foi atribuído, numa segunda fase, a André Reinoso. Os motivos estão liminarmente expressos na documentação da época, quando o provedor João Delgado refere que o retábulo fosse “ao moderno [...] mais perfeito e fermozo, com mui grande magestade, e não com muitas columnas e muitos painéis pequenos [...]” e só poderiam ser conseguidos por “pintor de fama que com espírito fizesse a dita pintura”.

O resultado final esteve, certamente, à altura das expectativas dos mesários da Misericórdia. Composto por duas tábuas de grandes dimensões, instaladas em 1628, representando a Visitação a Nossa Senhora e um Pentecostes. Sobre o arco das capelas colaterais existem outras duas telas de André Reinoso representando Cristo a caminho do Calvário e a Lamentação sobre Cristo Morto. As antigas telas do convento de São Miguel, hoje no Museu Municipal,

### ANDRÉ REINOSO

Apesar de se conhecer já grande parte da obra pictórica deste grande mestre, a sua biografia é, no entanto, desconhecida, situação que não estranha o facto de ter nascido no seio de uma família de Cristãos-novos. Foi, para o seu tempo, um dos mais notáveis e bem sucedidos pintores. Discípulo do mestre tardo-maneirista Simão Rodrigues (fortemente influenciado pelas tendências artísticas de Roma), Reinoso cedo enveredou por caminhos estéticos diversos, devido a uma adivinhável mas mal estudada passagem por centros peninsulares. Apesar de Reinoso ser de uma geração anterior a Baltazar Gomes de Figueira, ambos desenvolveram toda uma experiência pictural cortando com os modelos do Maneirismo e adoptando soluções naturalistas que, entretanto, outros grandes mestres peninsulares exploravam também com especial interesse.

representando S. Francisco de Assis e o Milagre da Porciúncula e outra Lamentação de Cristo Morto, são obras sublimes, de um finíssimo tratamento, ricas no tratamento cromático e composição das cenas, para além da força expressiva das figuras. Nas naves laterais da igreja de Santa Maria existem seis grandes telas de boa qualidade técnica, produção de oficinas de Lisboa (c. 1640), duas delas atribuídas por Vítor Serrão a André Reinoso: Transfiguração e Baptismo no rio Jordão.

### MARCOS DA CRUZ

Em Óbidos tem (sob reserva) a sua produção artística exposta na igreja de Santa Maria. As telas dos arcos, embora não se possam considerar obras de primeira linha no contexto da produção da sua obra são, contudo, suficientemente elucidativas da boa qualidade do seu trabalho, revelando a continuidade da ligação da pintura portuguesa à matriz barroca romana. Também da autoria de Marcos da Cruz é um conjunto de doze telas que preenchem o espaço entre os arcos da nave principal representando os evangelistas Mateus, Marcos, Lucas e João, bem como São Pedro e São Paulo e dois santos doutores sobre o arco da portaria. Existe ainda a alegoria à Eucaristia e à Fé sobre o arco da capela-mor. De igual modo o friso da nave principal da igreja, composto por dezasseis telas representando passos da vida da Virgem, é atribuível à oficina de pintura de Marcos da Cruz, pese embora este

conjunto ser de menor qualidade e, sobretudo, se encontre muito danificado. O ciclo da Vida da Virgem encontra-se, presentemente, ordenado da seguinte forma: Nossa Senhora da Conceição, Nascimento da Virgem, Apresentação da Virgem no Templo, Desposório da Virgem com São José, Anunciação, Visitação, Adoração dos Pastores, Circuncisão, Adoração dos Magos, Apresentação do Menino no Templo, Fuga para o Egipto, Anjo mostrando o caminho para o regresso do Desterro, Jesus entre os Doutores, Menino Jesus revela a sua futura Paixão, Virgem no seu leito de morte rodeada dos apóstolos, Tumulação da Virgem. As telas das naves representam a Multiplicação dos Pães, a Multiplicação dos Peixes e dois passos da Parábola da Festa das Bodas e a Exclusão daquele que não se encontrava preparado para a festividade. São obras de inegável interesse no contexto da produção

de Seiscentos. Em termos globais estas obras estão já profundamente ligadas ao barroco de influência romana, movimento introduzido por André Reinoso, revelando ainda um maior cuidado especialmente nos tratamentos dos diversos planos dos quadros (primeiros planos e fundos).

### MARCOS DA CRUZ (c. 1610-1683)

Seria, ao seu tempo, um pintor “moderno”, até mesmo inovador em alguns aspectos, pertencendo a uma primeira geração de pintores portugueses, protagonizada por André Reinoso, que introduzem uma significativa alteração de valores e pressupostos na linguagem artística, eventualmente por uma forte influência de Caravaggio.



Milagre da Multiplicação dos Pães, Marcos da Cruz (?), Igreja de Santa Maria



Milagre da Multiplicação dos Peixes, Marcos da Cruz (?), Igreja de Santa Maria



Repouso na Fuga para o Egipto, Baltazar Gomes Figueira, Óbidos

### BALTAZAR GOMES DE FIGUEIRA

A excelência da pintura de Baltazar Gomes de Figueira, único pintor português representado no Louvre, não tem nenhum exemplo no interior da vila de Óbidos, mas face à importância da sua figura e herança artística, para além do facto de ser natural da vila e aqui ter residido, não faria sentido ser excluído do circuito. A sua obra está disseminada pelo País e estrangeiro, em museus, templos religiosos e coleções particulares.

Apenas pela informação de síntese que aqui apresentamos pode fazer a sua própria descoberta. “A excelente tela do Repouso na fuga para o Egipto que Baltazar Gomes Figueira pinta, em 1643, para o altar colateral direito da ermida de São Brás em A-da-Gorda (Óbidos), juntamente com um São Gregório Magno, para o altar oposto, e com duas telas mais pequenas destinadas a predelas dos mesmos altares, constitui um notável exercício de pintura religiosa animada por uma

paisagem de enquadramento absolutamente rara na pintura portuguesa do seu tempo pelas qualidades plásticas assumidas. O “país” que se desenlaça e desdobra em vários planos por detrás do grupo principal – pois de um verdadeiro país se trata – é em si um notabilíssimo quadro do género, com segura modelação de montes e arvoredos envolvidos por um leve sfumato e o carinhoso trecho da chegada da Sagrada Família e da sua comitiva de mulheres gitanas a um humilde casebre, durante a viagem a caminho do Egipto. O sentido de narração da pintura é claro, como sempre sucede numa época em que o papel pedagógico das imagens era essencial (...).

Na tela de A-da-Gorda, e nas outras versões conhecidas de Baltazar, a composição desenvolve a imagem evocativa do Paraíso terreal, de que fala Louis Réau para este tipo de cenas tão evadidas de ternura doméstica e de enlevo familiar, onde o misticismo se desdobra através dessa poesia ao natural das paisagens luminosas e da pureza dos elementos botânicos. Trata-se pois, como bem se entende, de um discurso de fácil popularização por parte das clientelas religiosas da Estremadura Portuguesa do século XVII”. Vítor Serrão, in Baltazar Gomes Figueira (1604-1674). Catálogo da Exposição. Edição: Câmara Municipal de Óbidos, 2005, p. 134-138.

### BALTAZAR GOMES FIGUEIRA, 1604-1674

Nascido e falecido em Óbidos foi uma das mais notáveis personalidades da pintura peninsular do século XVII. Estabelece-se em Sevilha por volta de 1626-1628, conjugando o serviço militar com o aprendizado da pintura nos círculos de artistas da mesma cidade. Em 1631 é examinado pelo Grémio dos Pintores de Sevilha sendo considerado *abil e suficiente* para poder praticar a arte da pintura de óleo e dourado, podendo inclusivamente abrir loja e receber discípulos. Por esta altura já se encontrava casado com D. Catarina Camacho de Cabrera Romero e tinha nascido Josefa, sua filha, baptizada em 1630. Baltazar volta de Sevilha em 1634 e permanece em Portugal até à sua morte. Residiu em Peniche e trabalhou na igreja de Nossa Senhora da Ajuda. Desenvolve trabalho para os grandes encomendadores da região como o Mosteiro de Santa Maria de Alcobaça. No entanto, a exposição que lhe foi dedicada pelo Museu Municipal de Óbidos, em 2005, permitiu perceber que esses últimos quarenta anos da sua vida não se confinaram à vila de Óbidos, mas que, pelo contrário, Baltazar foi um fiel funcionário da Casa de Bragança frequentando com regularidade a corte de D. João IV e D. Afonso VI. Os serviços que prestou como pintor de paisagens, de alegorias morais, “meses” e “estações” e naturezas-mortas trouxeram ao panorama artístico da época uma abrangência erudita e internacional que até então não existia.

### JOSEFA DE AYALA E CABRERA

A vila de Óbidos tem o privilégio de possuir, entre muralhas, duas grandes obras de Josefa d’Óbidos. Na igreja de Sta. Maria encontra-se o retábulo de Sta. Catarina de Alexandria: “Executada aos trinta e um anos de idade, esta obra de madurez constitui uma prova considerável das suas potencialidades plásticas, dos acertos de desenho, do calor do seu cromatismo, do sentido

dinâmico das composições, e da exploração da carga simbólico-alegórica dos episódios a tratar. O enfoque no tema do Casamento Místico, acompanhado aos lados pela visão mística das duas esposas de Cristo (uma doutora e uma penitente, alusão à sabedoria e ao sacrifício), justifica aquilo que Moura Sobral considera “uma peça importante do complexo dispositivo de propaganda em favor da Casa de Bragança, que tendia em última análise a legitimar o



Retábulo de Santa Catarina de Alexandria, 1661. Igreja de Santa Maria



Retrato do Beneficiado Faustino das Neves, c. 1670. Museu Municipal de Óbidos, col. Santa Casa da Misericórdia de Óbidos

seu poder real recentemente assumido”.

(...) A respeito deste altar de Santa Catarina pintado por Josefa de Óbidos, melhor se deve considerar o século XVII português – esse “período escuro” da nossa História muitas vezes visionado na estreiteza de um rótulo de menoridade que só em anos recentes mereceu cabal revisão, e que não tem correspondência no brilho da expressão cultural coetânea – como um ciclo de renascimento e de plenas afirmações culturais” (Serrão, 2003, pp. 40-1).

“O retrato do Beneficiado Faustino das Neves, pintado por Josefa de Óbidos, é um marco na sua obra, já totalmente amadurecida na sua arte e uma das melhores pinturas nacionais do seu género para o século XVII. Retratando uma personagem importante do círculo social obidense, amigo da família

de Baltazar Gomes Figueira, e especialmente de Josefa de Óbidos, esta obra é, de algum modo, enigmática, constituindo muito mais do que um mero retrato físico. O anjo segurando o punho de Faustino das Neves, parece segredar-lhe a promessa de Salvação e aponta para um clarão de luz, representando o Céu (sinónimo de Paraíso) cuja intensidade rasga a escuridão que os rodeia. Por outro lado o retrato permanece sereno, segurando os evangelhos, como que manifestando as suas convicções e o fundamento da sua vida” (Gorjão, 2005, p. 176).

#### VAU (ÓBIDOS)

Nossa Senhora da Piedade da Ermida do Vau, c. 1680. Pintura simplificada na cena, mas com as imagens em grande carga dramática. Tem um curioso Santo António com o Menino, no canto superior, com grande autonomia em relação à restante cena.

#### A-DA-GORDA (ÓBIDOS)

Três telas do arco-mestre da Ermida de São Brás de A-da-Gorda, c. 1670. Exemplo de encomenda da época em que a oficina de Josefa respondia ao crescendo de procura por parte de confrarias ou irmandades. No mesmo templo tinha trabalhado Baltazar Gomes Figueira em 1643. O conjunto é composto por A Virgem e o Menino, São Francisco de Assis e Santo António de Lisboa.

#### TEXTO E AUTORES TRANSCRITOS

- CARMO, Dalila. Do Renascimento ao Maneirismo In História da Arte Portuguesa. Direcção Paulo Pereira, vol. II. Círculo de Leitores: Lisboa, 1995.
- GORJÃO, Sérgio e SERRÃO, Vítor. Catálogo Baltazar Gomes Figueira (1604-1674)... Câmara Municipal de Óbidos, 2005.
- GORJÃO, Sérgio. Catálogo do Museu Municipal de Óbidos. Câmara Municipal de Óbidos, 2000.
- SERRÃO, Vítor. Josefa em Óbidos. Quetzal Editores: Lisboa, 2003.
- SERRÃO, Vítor. A Arte da Pintura no Eixo Caldas da Rainha-Óbidos, 1520-1684. In Linha do Oeste – Óbidos e Monumentos Artísticos Circundantes. Coleção Rosa dos Ventos, Assírio e Alvim.

#### JOSEFA DE AYALA E CABRERA 1630-1684 (20 de Junho)

Nasceu em Sevilha, mas três anos depois o seu pai Baltazar Gomes de Figueira regressa a Portugal. Em 1644, Josefa estagia como “moça donzella emancipada de seus pais”, no convento agostiniano de Sant’Ana de Coimbra. A produção artística conhecida de Josefa remonta a 1646, ocasião em que executa a buril as primeiras estampas, Santa Catarina e São José. No ano seguinte executa um cobre representando O Casamento Místico de Santa Catarina para o Mosteiro de Santa Cruz de Coimbra. Este será um tema que, em 1661, irá repetir no retábulo lateral da Igreja de Santa Maria de Óbidos.

A quantidade e a qualidade da pintura de Josefa de Óbidos demonstram uma projecção considerável que não estava confinada às altas muralhas da vila de Óbidos. Pintou bastante para pequenos templos do termo de Óbidos, mas também para outras latitudes, Alcobaca, Buçaco, Coimbra e Cascais. Morre em 1684 tendo sido sepultada na igreja de S. Pedro. Mulher de grande devoção religiosa, sem o academismo de seu pai, pintou de uma forma terna e intimista que conquistou dos grandes aos mais pequenos encomendadores.



## CIRCUITOS TEMÁTICOS

Óbidos como Experiência de Conhecimento. É esta a nossa proposta baseada numa relação de troca entre quem comenta os circuitos e quem deles desfruta. O nosso princípio também é claro, gostaríamos que cada visita representasse um ponto de partida para que procure conhecer melhor a vila em todas as componentes da sua história. Por tudo isto apostámos em formatos informativos ligeiramente diferentes do habitual, com mais texto e mais imagens, tentando fomentar a sua curiosidade, apenas com aquilo que Óbidos tem de melhor. Pequenos passos pelas estreitas ruas da vila irão revelar séculos de enriquecimento artístico, de transformação da vila, de protecção régia, de devoção religiosa e de vivências quotidianas, que transformaram Óbidos nesta experiência única.

## CIRCUITOS DISPONÍVEIS

- RAINHAS E OUTRAS SENHORAS
- AMBIENTE HISTÓRICO DE ÓBIDOS
- NO CURSO DAS ÁGUAS
- ÀS ARMAS EM ÓBIDOS
- O AZULEJO EM ÓBIDOS
- A HERANÇA MEDIEVAL
- PINTURA ANTIGA EM ÓBIDOS
- O BARROCO JOANINO DO SANTUÁRIO SENHOR JESUS DA PEDRA



ÓBIDOS  
MUNICÍPIO

## INFORMAÇÕES E MARCAÇÕES:

T. 262 959 231

E-mail: [posto.turismo@cm-obidos.pt](mailto:posto.turismo@cm-obidos.pt)

[www.obidos.pt](http://www.obidos.pt)